

Davi Arrigucci Jr.

Alice para adultos

Não me parece boa política, quando se quer valorizar as *Alices* de Lewis Carroll, encará-las como leitura para adultos. Também não seria conveniente inverter o equívoco e vê-las como leitura para crianças. Esticar e encolher são possibilidades nada desprezíveis de Alice. Grandes e pequenos compreenderão seu significado em dimensões diversas. Mas não concorda com este ponto de vista Sebastião Uchoa Leite, autor da primeira tradução completa dessas duas obras famosas com que o quase reverendo Dodgson inseminou a literatura moderna. Antes desta bonita edição, tínhamos apenas traduções fragmentárias, algumas admiráveis como as de Augusto de Campos, em parte aproveitadas aqui. Ou então, adaptações para crianças. Foi um pouco escaldado por estas que Sebastião imaginou sua nova versão do gato de Cheshire para adultos. E provavelmente ainda por isso tenha tentado resguardá-la com um estudo de abertura. Nele, a erudição um tanto solene e avessa à graça do título (“O que a Tartaruga Disse a Lewis Carroll”) funciona como um exorcismo das maravilhas que professoras zelosas costumam conceder à nossa infância. Temo, porém, que o antídoto não tenha sido bastante venenoso. Em todo caso, é curioso

acompanhar o reflexo no tradutor de algo que o incomoda, por ser uma impertinente alusão biográfica, mas está bem visível no modelo: a face da solenidade vitoriana compoado com a subversiva a figura do ilustre professor. E ao ceder à curiosidade, seguindo o passo de Alice entre nós, como não ver espelhada na resenha bisbilhoteira a impressionante capacidade da menina para meter o nariz em toda toca disponível?

A dificuldade fundamental da crítica diante das *Alices* é conseguir a perspectiva adequada para uma visada abrangente, uma interpretação realmente inclusiva, capaz de dar conta dos múltiplos aspectos do texto sem mutilar sua relativa autonomia de obra literária. São de fato muito comuns neste caso as reduções drásticas e as distorções. Estas começam já com o extraordinário fotógrafo que foi também o professor Dodgson: é fácil reduzir as fotos insinuantes que fez de meninas do seu tempo apenas ao lado perverso, que só existe porque há outros lados. Temendo as extrapolações do lado de Carroll, o tradutor, na introdução crítica, reafirma a necessidade de se respeitar o texto, mas, a meu ver, exagera na dose, tendendo a absolutizar a sua autonomia. Levantando reparos às diversas leituras alegóricas (e a psicanalítica é uma delas, na medida em que toma como verdadeiro apenas o sentido subjacente), acaba recusando toda relação do significado textual com contextos mais amplos. Restringe assim a significação da obra e, até certo ponto, não faz justiça às interpretações pioneiras de Edmund Wilson e William Empson, alimentadas largamente por elementos psicológicos e sociais.

Por outro lado, a perspectiva de uma versão para adultos não é sem conseqüências. Creio que repercute na excessiva isenção e na seriedade um tanto professoral do estudo introdutório, rico em informações, mas distante da sensibilidade do tradutor, que aí trai as razões profundas da sua escolha num texto pouco pessoal. É como se inesperadamente deixasse escapar o decisivo, o fascínio poético das *Alices*, que sua tradução consegue manter tantas vezes com o mesmo vigor do original, sobretudo ao reproduzir em nossa língua um dos seus aspectos mais difíceis, o ritmo da totalidade, essa fluência de grande obra poética que se impõe ao leitor sensível. É aí que as *Alices* se

mostram como obra de arte resistente a toda visão mutiladora. Por essa via atingem a todos, em níveis diferentes de compreensão, e permitem entender que a arte de Carroll está justamente em tê-lo conseguido de forma tão ampla e tão arrematadora.

O encanto poético que emana das aventuras insólitas de Alice, incluindo a dimensão erótica tão importante, é assim um efeito artístico da obra como um todo. Desmonta-se um aspecto e se topa com a complexidade do significado geral, que é isto e aquilo a uma só vez, tornando palpável o jogo inventivo com os signos em que era tão hábil o sutil professor, de quem por certo as crianças, isto é, as meninas, foram mestras inconscientes, mesmo brincando com tanto barulho. A infância, o jogo e a linguagem são, pois, três marcos essenciais do mundo poético de Carroll, mas nenhum deles é em si suficiente para compreendê-lo. Por isso as *Alices* não podem ser reduzidas a um malabarismo verbal, ao puro jogo com os significantes (“Cuide do sentido, e os sons cuidarão de si mesmos”, conclui a Duquesa na conversa com Alice). Não serão tampouco apenas um quebra-cabeça lógico nem se confundirão com procedimentos que tanto utilizam: o paradoxo, o *nonsense*, a paródia, o trocadilho, a paronomásia, a palavra-valise, o grotesco, o humor que tudo impregna. Como obras de arte são irredutíveis às partes e capazes de nos envolver por muitos lados. Na totalidade o jogo mexe com coisas que dizem respeito a todos nós: a linguagem e os mecanismos da significação; o desejo, suas máscaras e seus fantasmas; o tempo, o espaço, a memória, o pensamento, suas regras e labirintos. O caráter entranhadamente lúdico do texto, a situação de adivinha ou disputa que se constrói a cada instante, serve de esteio para essa passagem mágica ao reino do sonho, do riso, do êxtase, que é o recesso da toca ou o outro lado do espelho, o espaço encantado a que levam as brincadeiras de Alice. Brincando, alcançamos a fonte da *poiesis* e nessas águas somos todos jovens. Daí se percebe que o texto é para todas as idades, que não tem idade.

A tradução só não reproduz esse sortilégio quando não se entrega aos riscos do jogo, perdendo a ousadia da invenção,

como em alguns diálogos em que o coloquial é deslocado pelo tom literário e mais comportado. Mas logo o tradutor cede às diabruras de Alice e compensa os bons modos. No geral, o trabalho é sempre fiel, às vezes excessivamente fiel, tornando extensivas as dificuldades do texto. Por certo essas dificuldades não são pequenas, mas não são de se estranhar, tratando-se como é o caso aqui da tradução como uma forma de criação, como literatura. O tradutor é um inventor de simulacros. Busca, como assinalou Valéry, com meios diferentes efeitos análogos aos do original. Uma tarefa árdua e sofrida em que se perde aqui para se ganhar ali e em que criação e crítica, de mãos dadas, tentam um salto comum rumo ao outro que, se alcançado, as redimirá de toda queda. A tradução é uma interpretação, conversão guiada pelo sentido entrevisto, vôo cego contra alvo certo. Num momento é pura liberdade inventiva, risco pleno; noutra, é adesão ao modelo, imitação, busca de encontro e fusão no outro, como a imagem poética. Ninguém melhor que um poeta como Sebastião para empreender esse vôo inventivo: leitor raro de Laforgue e Corbière, exercitou-se traduzindo a prosa de Stendhal e Octavio Paz e tem se dedicado a uma busca poética sempre inquieta. Mas já provou também ser um leitor arguto da poesia brasileira contemporânea (*Participação da Palavra Poética*) e, num ensaio excelente sobre a obra de Octavio Paz, demonstrou a finura de sua capacidade crítica. Leitor apaixonado de Carroll há muitos anos, parecia talhado para permitir a Alice mais uma aventura. Quando não acertou em cheio, não foi por inabilidade, mas porque traduzir criando é sempre uma tarefa aproximativa, um jogo em aberto. Cabe ao leitor não perder o rastro do coelho, que passou com pressa, falando português, rumo à toca e ao sonho.